

O INFAMILIAR NA PSICANÁLISE FREUDIANA: UMA INTERPRETAÇÃO SOB O VIÉS DA SEGUNDA DUALIDADE PULSIONAL

Nome: Henrique Manoel Fagá (IC) e Profa. Dra. Berenice Carpigiani (Orientadora)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

A vigente pesquisa tem por objetivo relacionar o conceito de “*unheimlich*” (“infamiliar”) descrito por Sigmund Freud em seu ensaio “*Das Unheimliche*” (“O Infamiliar”, 1919/2019), a segunda dualidade pulsional apresentada pelo mesmo autor em “*Jenseits des Lustprinzips*” (“Além do Princípio de Prazer”, 1920/2020) e a teoria pulsional e metapsicológica de “*Triebe und Tribschicksale*” (“As Pulsões e Seus Destinos”, 1915/2013), localizando o “infamiliar” enquanto palavra-conceito no contexto histórico de sua produção e sua vinculação enquanto manifestação das pulsões de vida e de morte. Nesse sentido, utilizou-se como método de pesquisa a revisão bibliográfica de caráter qualitativo com enfoque nas três produções de Sigmund Freud elencadas acima, além da biografia oficial escrita por Ernest Jones (“*Vida e Obra de Sigmund Freud*”, 1953/1975) e o livro “*Vocabulário da Psicanálise*” (1967/2022) dos psicanalistas Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis, com o propósito de garantir maior precisão dos conceitos atrelados à discussão levantada nas respectivas obras.

Palavras-chave: infamiliar, pulsões, metapsicologia.

ABSTRACT

The current research aims to relate the concept of “*unheimlich*” (uncanny) as described by Sigmund Freud in his essay “*Das Unheimliche*” (“The Uncanny”, 1919/2019), the second dual instinct theory presented by the same author in “*Jenseits des Lustprinzips*” (“Beyond the Pleasure Principle”, 1920/2020) and the instinctual and metapsychological theory of “*Triebe und Tribschicksale*” (“Instincts and Their Vicissitudes”, 1915/2013). This study locates the “uncanny” as both a conceptual term and a work within the historical context of its production and its unconscious linkage as a manifestation of the life and death instincts. In this regard, a qualitative bibliographic review method was employed, focusing on the three aforementioned works by Sigmund Freud, in addition to his official biography by Ernest Jones (“*The Life and Work of Sigmund Freud*”, 19153/1975) and the book “*Vocabulary of Psychoanalysis*” (1967/2022) by the psychoanalysts Jean Laplanche and Jean-Bertrand Pontalis with the purpose to provide a more precise definition of the concepts related to the raised discussion.

Keywords: uncanny, instincts, metapsychology.

1. INTRODUÇÃO

O “*unheimlich*”, traduzido para a língua portuguesa como “infamiliar” é, segundo Iannini e Tavares (2019, p. 7) “o nome de um sentimento aterrorizante; um domínio desprezado pela pesquisa estética e o efeito da leitura de certos contos fantásticos”. Em seu texto introdutório à edição da Editora Autêntica, os autores relatam as alterações que essa palavra-conceito sofreu antes e depois do ensaio escrito por Sigmund Freud (1919), perpassando as perspectivas científica, filológica e estética e terminando na literatura fantástica sem jamais se distanciar da própria psicanálise (IANNINI e TAVARES, 2019). Na obra, Freud contesta a definição dada pelo psiquiatra Ernst Anton Jentsch em seu livro de 1906 “*Zur Psychologie Des Unheimlichen*” (Sobre a Psicologia do Infamiliar), demonstrando que o “infamiliar” não é, como define o psiquiatra, o medo do desconhecido, mas sim um conceito antitético que surge através da ruptura da racionalidade; responsável por preservar a estabilidade psíquica do cotidiano. Tal como no retorno do conteúdo psíquico recalcado, o “infamiliar” jaz entre o conhecido e o desconhecido e possui tendência à repetição (FREUD, 2019), noção que é retomada com a publicação de “Além do Princípio de Prazer” (1920), responsável por inaugurar a segunda dualidade pulsional e apresentar os conceitos de pulsão de morte e pulsão de vida com base na teoria metapsicológica já dissertada em “As Pulsões e Seus Destinos” (1915) e outros ensaios anteriores.

À vista dessa conjuntura, observa-se que tanto o conceito de “infamiliar” quanto a segunda dualidade pulsional estão abarcados dentro de um mesmo período teórico, ambos concernentes à tentativa de Freud de compreender o inconsciente. Esse trabalho, por conseguinte, tem por objetivo relacionar a segunda dualidade pulsional apresentada nos livros “As Pulsões e Seus Destinos” (1915/2013) e “Além do Princípio de Prazer” (1920/2020) com o conceito de “*unheimlich*” dissertado no ensaio “O Infamiliar” (1919/2019), utilizando-se da análise qualitativa com fundamento bibliográfico nas obras do psicanalista, além de sua biografia oficial escrita por Ernest Jones (1953/1975), utilizada com o propósito de se descrever o contexto histórico de sua vida, e o livro “Vocabulário da Psicanálise” (1967/2022) de Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis. O vigente artigo, por fim, também visa estabelecer um diálogo já existente dentro da psicanálise aplicada, que pode beneficiar o psicólogo e o psicanalista na expansão de sua base teórico-clínica ao corroborar com o exercício científico de revisão e constante atualização dos conceitos de uma dada área do conhecimento.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1. As Pulsões e seus Destinos (1915/2013)

De acordo com o psicanalista e biógrafo oficial de Freud, Ernest Jones (1879-1958), no livro “Vida e Obra de Sigmund Freud” (1953/1975), os anos de 1914 e 1915 são caracterizados pela tentativa de Freud de iniciar sua série de artigos sobre *Metapsicologia*, dentre os quais “As Pulsões e Seus Destinos” (1915) está incluso. O texto é perpassado pelos desdobramentos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e pelo pessimismo do autor acerca de seu falecimento, uma vez que, já sexagenário, Freud acreditava que teria apenas mais dois anos de vida (JONES, 1975). Essa perspectiva céptica foi, contudo, o que o impeliu na escrita de seu projeto, que como demonstra um comentário de sua autoria à Carl G. Jung (1875-1961), já se encontrava presente em 1911, embora tenha sido finalizada apenas em 1915. Destarte, em seu texto de apresentação à edição brasileira (2013), os psicanalistas e tradutores Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares (2013, p. 7) discorrem sobre a importância desse ensaio para a teoria psicanalítica, sendo ele o responsável por aprofundar o “conceito fronteiro” (FREUD, 2013, p. 25) cuja relevância conceitual está a par da própria teoria do inconsciente, assim como asseverado por sua posição diante de outros trabalhos metapsicológicos.

A teoria pulsional, deste modo, encontra-se no cerne do saber psicanalítico, e já nas primeiras páginas de “As Pulsões e Seus Destinos” (1915/2013) Freud demonstra a dificuldade de delinear a de acordo com o projeto científico do século XX, o que ocorre por reflexo de sua própria natureza, dado que, de acordo com Freud (2013, p. 17), os estímulos pulsionais não advêm do mundo exterior, mas do interior do organismo; uma força cuja origem se encontra em fontes estimuladoras internas, responsáveis por representar as exigências do corpo físico à existência psíquica. Na obra, o autor delimita as pulsões através da descrição de seus mecanismos, iniciando o ensaio através do vínculo entre elas e o sistema nervoso, que, segundo ele, é responsável por subtrair do organismo as estimulações externas que o perpassam através da fuga, enquanto, por outro lado, há uma incapacidade de se esquivar das estimulações pulsionais, uma vez que diferentemente dos estímulos externos que recaem sobre os seres humanos, não há possibilidade de fugir daquilo que está enclausurado na vida psíquica, o que fornece uma nova dinâmica relacional entre o indivíduo e o inconsciente (FREUD, 2013).

Outra questão abordada por Freud (2013, p. 19) acerca da diferenciação entre o estímulo pulsional e o fisiológico está em que enquanto o estímulo fisiológico atua com um impacto único, podendo ser também neutralizado através de uma única ação, o estímulo pulsional é uma força de caráter constante, ao passo que a sua neutralização pode ser entendida pela

“satisfação” do impulso que a engendrou (FREUD, 2013). As exigências que as pulsões fazem ao organismo são muito mais complexas do aquelas do sistema nervoso, relacionando-se com o mundo de forma a modificá-lo e fazendo com que o próprio sistema nervoso abdique “(...) de sua intenção ideal de conservar afastados os estímulos distantes” (FREUD, 2013, p. 23). Diante disso, Freud conjectura que seriam as pulsões as responsáveis por conduzir o sistema nervoso ao seu estágio contemporâneo de desenvolvimento, o que representa que o progresso da espécie humana se deu mormente através das exigências do psíquico ao ambiente externo, e não o contrário.

É neste ponto da obra que Freud expõe quatro das características mais preponderantes das pulsões: *pressão, meta, objeto e fonte pulsional*. Por pressão, entende o nível da exigência de trabalho que a pulsão impele ao indivíduo, a meta, por outro lado, corresponde à sua satisfação; “que só pode ser alcançada pela suspensão do estado de estimulação junto à fonte pulsional” (FREUD, 2013, p. 25), sendo também capaz de se apresentar de diferentes formas ao aparelho psíquico, podendo se somar ou se substituir com a finalidade de satisfazer parcialmente a pulsão. De acordo com Freud (2013, p. 25), a clínica permite falar sobre pulsões cuja meta foi inibida, o que acontece em casos nos quais há processos tolerados durante o percurso da satisfação pulsional, mas que após cumprirem sua função são inibidos pelo inconsciente (FREUD, 2013). O objeto, termo relacionado também à energia libidinal, representa o meio através do qual a pulsão é capaz de alcançar a sua meta, sendo aquele que também mais varia e que mais pode ser substituído. Um objeto não precisa estar originalmente vinculado à pulsão, mas é atribuído a ela por sua capacidade de satisfação de uma ou mais metas. Já a fonte, por último, pode ser entendida como o processo de ordem somática que jaz em um órgão ou em parte do corpo, e é representada na vivência psicológica como o próprio estímulo pulsional. Por existir no limiar entre o psíquico e o somático, Freud (2013) argumenta não ser capaz de determinar se a existência das pulsões se dá somente por influência de processos de natureza química ou também mecânica, e é por razão dessa natureza fronteiriça que sua verificação não se restringiria somente à psicologia, o que faria a diferenciação de suas instâncias não ser uma tarefa necessária para a psicanálise, já que a fonte pulsional poderia ser descoberta através de suas metas (FREUD, 2013).

Uma vez tendo descrito as características presentes na dinâmica pulsional, Freud se adianta quanto a enumerar as pulsões, argumentando ser possível alcançar um número infinito através desse princípio de organização cujo propósito é o de auxiliar o trabalho de descrever e ordenar os fenômenos inconscientes. Freud elenca duas pulsões principais; as do Eu, ou da autopreservação do indivíduo, e as sexuais, decidindo por essa diferenciação a partir do que a clínica das neuroses demonstrou acerca dos conflitos entre a sexualidade e o Eu (FREUD, 2013). De acordo com os psicanalistas Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis

no livro “Vocabulário da Psicanálise” (1967/2022), as pulsões de autopreservação corresponderiam ao “conjunto das necessidades ligadas às funções corporais essenciais à conservação da vida do indivíduo” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2022, p. 404), das quais a fome seria o seu mais fundamental protótipo, enquanto as pulsões sexuais agiriam em um campo de atuação muito mais vasto do que somente o compreendido pelas atividades sexuais, sendo extremamente numerosas e advindas de “inúmeras fontes orgânicas” (FREUD, 2013, p. 33).

Daquilo que é proposto por Freud (2013), as pulsões sexuais teriam por meta inicial a satisfação do órgão, e somente após a completude desse objetivo que pôr-se-iam à reprodução humana. Sua primeira manifestação seria caracterizada pelo apoio às pulsões de autoconservação, desligando-se ao longo do desenvolvimento psicosexual do indivíduo, ainda que uma parcela pudesse seguir associada durante toda a vida, de forma a conceder aspectos libidinais às pulsões do Eu que são reconhecíveis na nosologia neurótica. Posto que para Freud (2013) as pulsões sexuais são aquelas a que mais se tem conhecimento, sua investigação acerca dos destinos das pulsões volta-se para essa classificação, enumerando quatro destinos: a *reversão em seu contrário*, o *regresso em direção ao indivíduo*, o *recalque* e a *sublimação*, sendo esses dois últimos dissertados em outros textos. No primeiro dos casos, a reversão em seu contrário, Freud diz haver dois processos, “a passagem de uma pulsão da *atividade para a passividade* e a *inversão de conteúdo*” (FREUD, 2013, p. 35).

Exemplos do primeiro processo são definidos pela passagem do sadismo para o masoquismo ou do voyeurismo para o exibicionismo, onde a meta ativa da pulsão, que é o componente que perpassa a reversão, é transformada em meta passiva, de forma que o ato de atormentar ou de contemplar é transfigurado no de ser atormentado ou contemplado. Já a inversão de conteúdo é exemplificada por Freud (2013, p. 35) através do caso do amor que se metamorfoseia em ódio e vice-versa. O segundo destino é descrito pelo regresso em direção ao próprio indivíduo, estando relacionado ao primeiro no sentido em que há uma troca de objeto sem que haja uma troca de meta pulsional. No caso do sadismo e do masoquismo, ambos também gozam da ação oposta, de forma que o masoquismo é um “sadismo que se voltou contra o próprio corpo” (FREUD, 2013, p. 37). Por fim, pode-se dizer que a investigação dos dois destinos pulsionais dissertados em “As Pulsões e Seus Destinos” (1915/2013), a reversão em seu contrário e o retorno em direção ao indivíduo, revela uma parcela do caráter ambivalente e antitético do fenômeno pulsional e do funcionamento do próprio inconsciente, capaz de transformar uma meta ou objeto em seu oposto de acordo com a necessidade de satisfação das pulsões que o perpassam.

2.2. Além do Princípio de Prazer (1920/2020)

Os primeiros anos que se sucederam após o término da Primeira Guerra Mundial foram, segundo Ernest Jones (1975), de extrema dificuldade para Freud, tendo que sobreviver não somente ao aumento da inflação que consumiu os rendimentos do psicanalista em questão de meses, mas também aos rigorosos invernos que se sucederam de 1918 a 1920. Nesse período, Freud também aguardava ansiosamente por notícias de seu filho mais velho, que se encontrava como prisioneiro de guerra (JONES, 1975). O desolador cenário, entretanto, não diminuiu o ritmo de sua produção, e embora ele tenha dito ao psicanalista Sándor Ferenczi em 1919 que “se achava completamente obstruído às ideias científicas” (JONES, 1975, p. 599), Freud foi capaz de finalizar ainda naquele ano três importantes ensaios: “Bate-se Numa Criança: Contribuição Para o Estudo da Origem das Perversões Sexuais” (1919), “Além do Princípio de Prazer” (1920), que embora tenha sido publicado no ano seguinte, foi escrito ainda em 1919 de acordo também com as correspondências entre Freud e Ferenczi em 12 de maio: “Eu não só terminei o projeto de ‘Além do Princípio de Prazer’ (...) mas também retomei esse pequeno nada sobre o ‘Infamiliar’ (...)” (FREUD/FERENCZI, 1996, p. 391-392), e como citado, “O Infamiliar” (1919), cuja publicação se deu ainda naquele ano.

Deste modo, Freud introduz sua obra retomando a definição de princípio de prazer como responsável por regular o direcionamento a que tomam os processos anímicos; uma vez que o indivíduo é invadido por sensações de tensão e desprazer, seu aparelho psíquico terá por orientação afastar-se delas de modo que haja uma suspensão ou uma diminuição das fontes que as ocasionam. Com o prazer, de maneira oposta, o direcionamento de suas ações se dará de forma que ele possa gozar de sua percepção, o que configura as diretrizes do comportamento humano, que busca não somente pelo prazer, mas também por se evadir do desprazer. Esse ponto de vista acerca do funcionamento psíquico também abarca a demanda do psiquismo por um princípio de constância, a “suposição de que haveria um empenho do aparelho psíquico em manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou pelo menos constante” (FREUD, 2020, p. 63), situação na qual a tensão é compreendida como elevação da quantidade de excitação vinculada ao aparelho psíquico, enquanto o prazer surge através de sua diminuição.

Nas ações da vida cotidiana, entretanto, a observação de comportamentos diretamente incitados pelo princípio de prazer é inibida por outras instâncias igualmente responsáveis por influenciar o indivíduo, que sob a tutoria das pulsões de autoconservação, posterga ou renuncia à satisfação imediata e tolera temporariamente a tensão com a finalidade de alcançar o prazer por outras fontes socialmente aceitas. Esse conceito, denominado como *princípio de realidade*, sucede o princípio de prazer através da maturação do aparelho psíquico e da

superação do Complexo de Édipo, relegando o princípio de prazer às “pulsões sexuais difíceis de educar” (FREUD, 2020, p. 67). Ainda segundo Freud, o princípio de realidade é, porém, insuficiente para elucidar acerca das experiências nas quais o desprazer se apresenta mais intensamente, e outra explicação está relacionada às clivagens e conflitos presentes no aparelho anímico, cuja energia psíquica está mormente vinculada às moções que, não tendo sido admitidas no consciente, forçam sua satisfação através de desvios da meta original, sendo apercebidas com desprazer (FREUD, 2020).

Essas duas elucidações, embora não sejam capazes de abarcar e justificar todos os casos nos quais o desprazer incide sobre o aparelho psíquico, ao menos não são contrárias ao princípio de prazer, e estão relacionadas à percepção de perigo advindo de fontes internas. A inquirição da qual o psicanalista parte nesse ensaio é, de outro modo, sobre a “reação anímica ao perigo exterior” (FREUD, 2020, p. 69) que poderá relevar novos materiais passíveis à problemática do desprazer. Diante desse cenário, Freud (2020, p. 71) retoma os acidentes com risco de morte e as neuroses advindas da Primeira Guerra Mundial. Segundo o autor, a neurose provinda das experiências de guerra se assimila à histeria pela semelhança de seus sintomas motores, embora a primeira demonstre ainda mais indícios de sofrimento subjetivo; acompanhado do enfraquecimento generalizado e da ruptura das funções psíquicas. Tanto as neuroses traumáticas dos períodos de paz quanto de guerra, contudo, permaneciam insólitas à compreensão da época, e mesmo a interpretação dos sonhos do neurótico revelava detalhes contrários ao esperado, pois embora as produções nesse estado apresentassem a característica de “repetidamente reconduzir o doente de volta à situação de seu acidente, da qual ele desperta com um novo susto” (FREUD, 2020, p. 73), o que era compreendido como uma fixação do momento traumático, em seu período de vigília o neurótico não se ocupava com a lembrança do acidente, preferindo afugentar aquela memória da consciência. Pode-se entender, portanto, que no caso da neurose traumática, um desencaminho ocorre em relação ao princípio da realização do desejo por parte do sonho, o que o psicanalista também compreende poder estar relacionado com as tendências masoquistas do Eu.

Partindo disso, Freud propõe a analisar o fenômeno das brincadeiras infantis, apresentadas através de um caso que ele presenciou ao observar uma criança de um ano e meio de idade cujo caráter não apresentava objeções nem dos pais e nem da empregada, mesmo nos episódios em que ele se via obrigado a se separar de sua mãe. Com o tempo, o infante passou a apresentar um comportamento de, ao se apropriar de quaisquer objetos, lançá-los para debaixo da cama ou o canto do cômodo no qual se encontrasse, verbalizando um prolongado “o-o-o-o” em tom de satisfação que tanto Freud quanto a mãe julgaram representar “*fort*”, vocábulo alemão para “desaparecer, sumir”. O mesmo ocorria com um carretel de linha que a criança atirava para o interior de seu berço, para depois puxá-lo e

saudá-lo com um jubiloso “*da*”, equivalente à “eis aqui, *achô, chegou*” (FREUD, 2020, p. 77). Avaliando o caráter dessa brincadeira, da qual o principal objetivo era desaparecer com o objeto para depois fazê-lo retornar, Freud compreendeu que o infante renunciava à satisfação pulsional de estar com sua mãe; consentindo que ela se ausentasse. Esse desaparecimento materno, entretanto, não poderia ser entendido como agradável ou indiferente, o que, portanto, faria a criança estar repetindo uma experiência dolorosa através de representações não condizentes com o princípio de prazer. Defronte desse impasse, Freud argumenta que é por meio do brincar que a criança consegue se colocar em uma posição ativa frente ao desprazer, apontando que ela tanto o faz pelas pulsões de apoderamento quanto por impulsos de vingança à mãe por essa ter se ausentado, o que motivaria o infante a bani-la de sua presença (FREUD, 2020).

Um ano mais tarde, Freud volta a observar a mesma criança e flagra sua irritação com um brinquedo, atirando-o ao chão e dizendo: “Vá pra gue(rr)a” (FREUD, 2020, p. 81). Essa ação, cujo contexto está relacionado à ausência do pai que havia ido servir na Grande Guerra, demonstra o funcionamento de moções hostis atuadas através da brincadeira, dado que embora a criança soubesse do destino do pai, ela não manifestava senão indiferença por ele e desejo pela posse da mãe. Neste caso, Freud diz que: “uma impressão desagradável só poderia (...) ser repetida na brincadeira, porque a essa repetição está vinculado um ganho de prazer de outra ordem, porém direta” (FREUD, 2020, p. 83). É mediante a análise desses exemplos que ele argumenta existirem meios para que o desprazer se torne também objeto de elaboração, entretanto, ainda que esses casos sejam importantes para o entendimento da relação entre a tensão e o aparelho psíquico, eles não bastam por operarem segundo o princípio de prazer, sendo necessário perquirir por outras conjunturas.

À vista disso, Freud retoma também o conceito de compulsão à repetição, e onde a insurgência de uma lembrança recalçada que antes poderia ser prazerosa é compreendida como causadora de desprazer por advento do esforço do Eu em mantê-la inconsciente, agora há o entendimento de que o mesmo pode acontecer com uma memória que jamais suscitou prazer ao indivíduo. Para Freud, essa repetição se apresenta tanto nas neuroses de transferência quanto na vivência dos que não são neuróticos, demonstrando a existência de uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer e que também pode estar relacionada ao brincar e à condição dos traumas de guerra. Para tanto, Freud parte em uma especulação na qual recobra não somente as origens da teoria psicanalítica, mas também a filogênese da espécie humana e a relação dos estímulos e das camadas corticais do sistema nervoso. Desta vez, entretanto, o autor aprofunda a temática alegando que, sendo a compulsão à repetição uma característica inerente à matéria orgânica e animada, existe uma coerção pulsional para se regressar a um estágio anterior do qual o organismo esteja

familiarizado em detrimento da angústia causada por aquilo que ele desconhece, o que caracteriza a origem das pulsões como forças conservadoras, isto é, “a manifestação da inércia na vida orgânica” (FREUD, 2020, p. 131).

Levando esse argumento adiante, o psicanalista traça um raciocínio no qual, se as moções pulsionais são conservadoras e orientadas à regressão, então a evolução da vida orgânica só pode ter ocorrido por razão de forças externas desviantes do propósito de manutenção dos estágios anteriores de existência, o que contraria a sua postura original em “As Pulsões e Seus Destinos” (1915). E, uma vez tendo perpassado esses processos evolutivos, as pulsões orgânicas assimilam as novas características de forma a metabolizá-las para a repetição juntamente das antigas, o que as faz serem tomadas pretensiosamente como forças que almejam mudança (FREUD, 2020). A meta final das pulsões, isto posto, é compreendida por Freud como o retorno ao inanimado que precedeu toda a vida, e no caso do primeiro espécime constituído de matéria orgânica, a tensão suscitada por esse acontecimento ocasionou também a tentativa de se equiparar a ele através da insurgência da pulsão de retorno ao inanimado. Freud (2020, p. 137) argumenta que a simplicidade da vida no princípio se igualava à simplicidade do caminho a que as pulsões precisavam percorrer para regressar à matéria inorgânica, e que a partir da complexificação dos organismos passou a existir também uma maior complexidade para se alcançar essas metas pulsionais. Para essas pulsões cujo propósito é o regresso ao inorgânico, Freud as alcunhou de *pulsões de morte*, ou *Tânatos*, enquanto a força contrária cujo objetivo é o de constituir novas formações e orientar o organismo para o progresso, ele nomeou como *pulsões de vida*, ou *Eros*.

Em relação à classificação anterior apresentada em “As Pulsões e Seus Destinos” (1915), as pulsões de autoconservação tornam-se pulsões de natureza parcial, “destinadas a (...) manter afastadas quaisquer outras possibilidades de retorno ao inorgânico que não sejam as imanentes” (FREUD, 2020, p. 139), relacionadas, isto posto, com as pulsões de vida. Já as pulsões sexuais passam a conservar a estrutura da substância viva, retomando o processo de expansão da matéria orgânica ao qual devem sua existência (FREUD, 2020). Podemos compreender, portanto, as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais como relativas às pulsões de vida, que podem enfim ser definidas como aquelas que “tendem a constituir unidades cada vez maiores e a mantê-las” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2022, p. 414), enquanto as pulsões de morte são definidas como “pulsões (...) que tendem para a redução completa das tensões, isto é, tendem a reconduzir o ser vivo ao estado anorgânico” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2022, p. 407). É importante destacar que as pulsões de morte, uma vez voltadas para a vivência exterior podem também ser identificadas como pulsões de agressão ou de destruição, além de suas manifestações cotidianas serem compreendidas

somente em pacto de consonância com as pulsões de vida, atuando de forma conjunta e muitas vezes indissociável.

2.3. O Infamiliar (1919/2019)

Sabe-se que o decurso do ensaio “O Infamiliar”, publicado em 1919, estendeu-se por um período bastante anterior à sua vinda à público, estando atrelado à seção III de “Totem e Tabu” (1913) assim como demonstra uma nota de rodapé de Freud (2019, p. 85) que aconselha ao leitor regressar a um dos capítulos da visada obra e procurar por uma citação na qual ele associa o “infamiliar” à onipotência de pensamentos e ao modo de raciocínio animista. Através desse excerto, é possível aperceber o quanto esse conceito perdurou no pensamento freudiano, o que também elucida a vasta argumentação que o autor promove acerca da definição desse fenômeno; perpassando indagações estéticas, filológicas e literárias sem se distanciar daquilo que primeiro o instigou enquanto psicanalista (IANNINI, 2019; TAVARES, 2019). Diante da introdução, Freud esboça um comentário sobre a relação do analista com o campo estético, que mesmo que possa ser compreendido como “a doutrina das qualidades do nosso sentir” (FREUD, 2019, p. 29) não se alinha com a atuação do psicanalista, cujo enfoque se encontra em outras camadas da vivência psíquica e que, nesse quesito, pouco tem a contribuir com essa área do conhecimento.

Ainda assim, é no âmago desse domínio que se sucede um fenômeno que pode vir a interessar o analista, incitando-o a averiguar um conceito também negligenciado pela literatura especializada – o “infamiliar”. Embora esse vocábulo seja utilizado em relação a sentimentos como horror, medo e angústia, Freud indaga o que faz com que um termo tão específico possa ser empregado e como ele pode divergir de seus supostos sinônimos. Para tanto, o psicanalista adentra a literatura médico-psicológica; área na qual ele cita o ensaio “Sobre a Psicologia do Infamiliar” (1906) do psiquiatra alemão Ernst Anton Jentsch (1867-1919), iniciando sua correlação com a obra argumentando que, embora abundante em conteúdo, ela não é capaz de esgotar o assunto e que enfrenta dificuldades quanto à obtusidade do tema, compreendendo que há uma variância de sensibilidade em relação ao fenômeno segundo a percepção individual. Ainda de acordo com Freud (2019, p. 31), Jentsch admite há muito não ter perpassado tal experiência, o que é argumentado pelo psicanalista como sendo comum para outros âmbitos do campo estético, comprovando a possibilidade de se “encontrar casos nos quais o caráter em questão [o ‘infamiliar’] seja reconhecido sem contradições pela maioria das pessoas” (FREUD, 2019, p. 31).

A partir disso, Freud vislumbra dois caminhos para à sua investigação: compreender a trajetória da palavra em seu desenvolvimento linguístico e compilar as impressões sensíveis nas quais esse sentimento é despertado, descobrindo assim a unidade que constituiu o

“infamiliar” em todas as situações. Conforme o autor, ambas as trajetórias convergem para a definição do “infamiliar” como o sentimento aterrorizante proporcionado por aquilo que há muito é íntimo e conhecido, mas que foi recalçado pelas instâncias inconscientes do Eu (FREUD, 2019). Introduzindo a questão a partir de um exame linguístico, Freud inicia o seu argumento apontando o antagonismo entre os termos “*unheimlich*” (“infamiliar”) e “*heimlich*” (familiar), aquilo que é de caráter doméstico e íntimo; o que pressupõe uma oposição na qual o “*unheimlich*” é tudo o que não jaz na ordem do “*heimlich*”. Entretanto, não é possível conceber um encadeamento tão estreito entre esses vocábulos, dado que nem tudo o que é desconhecido é atemorizante à experiência, podendo-se considerar que o inovador, no máximo, pode com mais facilidade se tornar assustador e “infamiliar”. Em Jentsch (1906), o “infamiliar” é reiterado como antônimo de “familiar”, encontrando na incerteza intelectual provocada pelo desconhecido a condição de sua existência (FREUD, 2019). Para o psiquiatra, a impressão causada pelo “infamiliar” pode ser cerceada pela orientação realizada através dos elementos familiares que se encontram ao redor do indivíduo, o que, de acordo com Freud (2019, p. 35), não é suficiente para esgotar as possibilidades trazidas por uma experiência tão involgar, fazendo-o perquirir a questão através da comparação entre os sinônimos do conceito em diferentes sistemas linguísticos de ascendência protoindo-europeia.

Uma vez tendo esboçado essas possíveis paridades para a palavra-conceito em outras línguas, o autor retoma a sua própria utilizando como referência o Dicionário de Língua Alemã (1860) e passa a pormenorizar os significados da palavra “*heimlich*” e de suas variações dentro do léxico germânico. Embora o termo seja relacionado com aquilo que é pertencente à casa, isto é, caseiro, familiar ou aconchegante, ele também pode estar associado em sua raiz àquilo que está oculto e permanece desconhecido, habitando um campo semântico concernente à intriga, conspiração e magia. É na definição do escritor Karl Ferdinand Gutzkow e do filósofo Friedrich Wilhelm Joseph Schelling que Freud encontra o cerne de sua teorização. No primeiro caso, o psicanalista se depara com uma demonstração da proximidade semântica entre o “*unheimlich*” e o “*heimlich*”, enquanto em Schelling (1868) há uma designação do vocábulo que denota a passagem do ambiente privado para o público, daquilo que deveria permanecer oculto e que foi revelado. A partir disso, entende-se que “*heimlich*” é capaz de designar tanto o que é confortável quanto o que é encoberto ou abscondido, “dois circuitos de representações, os quais, sem serem opostos, são de fato, alheios um ao outro” (FREUD, 2019, p. 45). Já o “*unheimlich*”, pode ser compreendido como antônimo do primeiro significado, ainda que no Dicionário de Língua Alemã não haja vestígio de sua relação com o segundo, sendo existente apenas em Schelling a comprovação de proximidade entre as representações do termo, o que é comprovado ao se analisar o Dicionário Alemão (1877) de Jakob e Wilhelm Grimm, que posiciona o adjetivo “*heimlich*”

enquanto relativo à fantasmagoria, ao conhecimento místico ou àquilo que é inconsciente, de modo que para o raciocínio freudiano o “familiar [*heimlich*] é uma palavra cujo significado se desenvolveu segundo uma ambivalência, até se fundir (...) com seu oposto, o infamiliar [*unheimlich*]. Infamiliar é, de certa forma, um tipo de *familiar*” (FREUD, 2019, p. 49).

Concluído o argumento, Freud parte para a fiscalização daquilo que desperta o “infamiliar” no psiquismo, destacando os exemplos concedidos por Jentsch (1906) em seu ensaio. Para o psiquiatra, o fundamento desse fenômeno se encontra na dúvida da vivacidade de um objeto ou no desvanecer de um indivíduo aparentemente vivo, o que remete às figuras dos museus de cera, às bonecas e aos autômatos, sendo também “infamiliars” os ataques epilépticos e manifestações de insanidade por desvelarem o caráter automatizado existente por debaixo da construção especular do ser humano. O psicanalista, entretanto, não se convence com as exemplificações do autor e retoma outra direção também indicada por ele; o domínio da literatura fantástica. Nesse âmbito, tanto Jentsch quanto Freud apontam a existência do fenômeno do “infamiliar” na obra de um mesmo escritor, Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann evocando o conto “O Homem da Areia” (1815/2019) como base para sua construção argumentativa. Embora ambos os autores tomem a narrativa enquanto exemplar do “infamiliar” na literatura, eles o fazem por razões adversas, Jentsch argumenta que o efeito do “infamiliar” se dá através da incerteza que Hoffmann promove em relação à boneca Olímpia, fazendo com que o leitor, por razão da descrição do conto, vacile em defini-la como um objeto inanimado ou vivente, ao passo que Freud estabelece a presença do fenômeno em outro lugar da narrativa. Para ele, o “infamiliar” está relacionado à fantasia do rapto dos olhos que perpassa toda a história do protagonista desde a sua infância, o que é demonstrado pela própria experiência psicanalítica acerca dessa angústia que serve de substituto para o medo original da castração; relação também presente quando Édipo se cega frente à essa punição requerida pela Lei de Talião (FREUD, 2019). O atravessamento das temáticas psicanalíticas, por fim, torna-se ainda mais explícita ao se constatar que o aparecimento do antagonista da narrativa está sempre entrelaçado às vivências amorosas do protagonista; impedindo-o de gozar do objeto amado tal como o pai que sujeita o filho a renunciar o desejo pela mãe (FREUD, 2019).

Tendo contemplado a temática, Freud regressa à exposição do “infamiliar” e de sua relação com Olímpia, tomando-a por outro viés. Segundo o autor, não há nas brincadeiras infantis uma grande diferenciação entre o vivo e o não-vivo, de modo que mesmo um boneco pode vir a ser referido como um ser vivente de acordo com a imaginação de uma criança. A presença “infamiliar” de Olímpia em “O Homem da Areia” (2019), conseqüentemente, parte do despertar à consciência dessa convicção comum à infância que se configura também enquanto crença ou desejo. Outro tópico deduzido das fontes infantis e relacionado com a

personagem é o conceito do *duplo*, ou “*doppelgänger*”, cuja existência viola a delimitação narcísica do sujeito, isto é, faz com o que o indivíduo perca o domínio da exclusividade do Eu assim como suscitado no trabalho “O Duplo: Um Ensaio Psicanalítico” (1914) do psicanalista Otto Rank. Na obra referida por Freud, o duplo é relacionado ao poderio do Eu frente à morte, a duplicidade, por consequência, torna-se uma defesa contra a inevitabilidade do processo entrópico, encontrando o seu contraponto na fantasia e no onirismo, nas quais o complexo de castração se associa à multiplicação do símbolo fálico (FREUD, 2019). Essas representações originam-se durante a fase do narcisismo comum à vivência psíquica das crianças e das populações “primitivas”, de forma que a superação através dos estágios posteriores do desenvolvimento anímico transmutam o seu significado, e o que antes representava “a continuidade da vida (...) se torna o *infamiliar* mensageiro da morte” (FREUD, 2019, p. 71). Para o psicanalista, o amadurecimento psíquico conduz naturalmente ao desenvolvimento de uma parcela do Eu que, ocupada com os âmbitos da auto-observação, da autocrítica e da censura anímica, pode vir a se contrapor ao restante do aparelho psíquico, o que nos casos patológicos relacionados às psicoses é isolado e compreendido enquanto instância autônoma; um duplo capaz de tomar os desígnios do Eu enquanto objeto e cuja representação é ocupada por conteúdos recalçados por sua autocrítica. De tal modo, o “*doppelgänger*” encerra em seu íntimo “todas as aspirações do Eu, que não puderam se realizar devido a expressas circunstâncias desfavoráveis, assim como todas as decisões volitivas reprimidas” (FREUD, 2019, p. 73). Conquanto, essa designação inicial do duplo ainda não é suficiente para se fazer compreender a “infamiliaridade” que o envolve, sendo necessário, para Freud (2019), reestabelecer a vinculação que ele exerceu nos tempos primevos; quando o sentido de sua existência era relacionado a um âmbito benigno.

Partindo da temática, Freud retoma a tendência à repetição, introduzida através de uma experiência pessoal em sua viagem à uma cidade na Itália na qual, ao tentar se afastar de um prostíbulo, vê-se no exato lugar de onde havia partido apesar de sua tentativa de tomar outro rumo, o que o arrebatava com uma sensação de “infamiliaridade”. Freud concede ainda outros exemplos, citando a perda de uma trilha na floresta que, apesar das tentativas de se retomar, sempre levam a um local desconhecido que, contudo, está grafado por um aspecto comum que foge à racionalização, ou, por fim, a experiência de se deslocar por um cômodo escuro à procura da porta para sempre solapar contra o mesmo móvel. O acaso, por conseguinte, é capaz de transmutar a tendência à repetição em uma experiência “infamiliar”, fazendo com que o aparecimento de um mesmo objeto ou acontecimento em diferentes locais dentro de um intervalo de tempo possa ser compreendido pelo indivíduo como mais do que uma coincidência, adentrando o campo da superstição e da estranheza. Freud compreende que o “infamiliar” referente ao retorno involuntário está atrelado às profundezas da vida anímica, na

qual a compulsão à repetição instigada pelas pulsões se torna forte o suficiente para se impor ao princípio de prazer e conferir à vivência psíquica um suposto aspecto de preternaturalidade (FREUD, 2019).

Em continuidade com a temática, o psicanalista parte dos quadros de neurose obsessiva para demonstrar a vinculação entre dois acontecimentos que se tornam análogos para a vivência psíquica frente a contingências coincidentes, o que também está relacionado à superstição do “mau olhado” e do temor existente sobre a inveja denunciada através do olhar (FREUD, 2019), denotando a permanência da “onipotência de pensamentos” que demonstra como a concepção animista sobreviveu e ainda atua nas instâncias mais profundas da vida anímica. Com base nesse pressuposto, Freud faz duas observações acerca da correlação entre o “infamiliar” e a psicanálise; a transfiguração do afeto em angústia por meio da ação do recalçamento, de modo que o “infamiliar” adentra a categoria na qual o conteúdo angustiante regressa à consciência, e a transição linguística do “*heimlich*” para o “*unheimlich*”, visto que o “infamiliar nada tem realmente de novo ou de estranho, mas é algo íntimo à vida anímica desde muito tempo e que foi afastado pelo processo de recalçamento” (FREUD, 2019, p. 85), coincidente, portanto, com a multiplicidade semântica presente em “*heimlich*”.

Concluindo a listagem de cenários e conjunturas, Freud (2019) elenca também o campo relativo à morte, aos cadáveres e ao regresso dos mortos, cuja temática o tratamento humano permanece essencialmente o mesmo desde os tempos primevos. Nesse caso ele institui dois fatores que contribuem para sua estranheza, o poderio de nossas emoções em relação à mortalidade e a incerteza científica sobre esse acontecimento, se ele é um destino necessário a todos os seres ou se é um acaso no decorrer do processo de existência. A humanidade toma o primeiro caminho enquanto modelo de afirmação universal sem, contudo, esclarecê-lo de modo a permitir que o inconsciente constitua uma representação adequada dessa ocorrência. Para Freud, a angústia causada pela morte permanece sendo demasiado poderosa e, assim como nas civilizações pré-capitalistas, conserva a crença do intuito cadavérico de arrebatá-lo o sobrevivente à sombra de sua existência tumular, ou seja, o regresso daquele que outrora pertenceu ao familiar e que agora tornou-se da ordem do “infamiliar”.

Um último caso é o do “infamiliar” relacionado ao sujeito cujas más intenções se imagina que são auxiliadas por um prospecto de forças sobrenaturais, além da insânia e da epilepsia previamente dissertadas por Jentsch (1906) e que, em Freud, constituem esse fenômeno através do desvelar psicossomático que age na vida intrapsíquica e que é exteriorizado a nível do convívio comunitário (FREUD, 2019). O autor, por fim, demonstra que no contexto da criação ficcional, muito daquilo que poderia ser considerado “infamiliar” não o é por

decorrência do tratamento que a literatura dá aos seus acontecimentos, firmando um pacto com o leitor para que a sua descrença seja suspensa mediante a apresentação de acontecimentos fantásticos, sendo necessário um conflito de julgamento para se instaurar o “infamiliar” enquanto efeito narrativo.

2.4. Intersecção Conceitual

No preâmbulo de “O Infamiliar”, Freud adianta que as duas linhas argumentativas que ele empregará para compreender essa palavra-conceito chegarão a uma mesma conclusão de que o fenômeno “remete ao velho conhecido, há muito íntimo” (FREUD, 2019, p. 33) que foi recalçado pelas instâncias inconscientes do Eu e regressa da inconsciência transfigurado. Diante dessa primeira delimitação, não há dificuldade em se elaborar um encadeamento entre o “infamiliar” e o domínio das pulsões, dado que a própria natureza do “*unheimlich*” é engendrada a partir dos processos anímicos e pulsionais. Entretanto, embora esses dois conceitos sejam correlatos dentro da teoria psicanalítica, Freud preferiu não localizar o “infamiliar” em relação à segunda dualidade pulsional e apenas delinea em seu ensaio o destino, no caso, o recalçamento, à qual perpassa esse insólito fenômeno. Embora citado em “As Pulsões e Seus Destinos” (1915/2013) enquanto um dos quatro destinos possíveis para as pulsões, o recalçamento só é investigado por Freud em “O Recalque” (1915), na obra, o psicanalista parte para o campo da experiência clínica, onde fundamenta o princípio de que o recalque “consiste apenas em rejeitar e manter algo afastado da consciência” (FREUD, 2010, p. 63), descrevendo dois momentos relativos ao recalçamento: o recalque primário e o recalçamento propriamente dito. O recalque primário ocorre, enquanto processo hipotético, através da negação do acesso do representante psíquico da pulsão à consciência, momento no qual incide uma fixação dessa representação e da pulsão vinculada a ela. Já o recalçamento propriamente dito relaciona-se com o processo de recalque das cadeias associativas vinculadas à representação psíquica original, de maneira que elas sofrem do mesmo destino. O recalçamento então é o destino pulsional a que o “infamiliar” perpassa quando na atividade psíquica inconsciente, sendo como diz Freud o “familiar-doméstico que sofreu um recalçamento, dele retornando” (FREUD, 2019, p. 97).

À vista disso, é possível dizer que enquanto conceito o “infamiliar” está obrigatoriamente vinculado a uma representação inconsciente que, ligada à pulsão, sofre o recalque por produzir satisfação em determinados âmbitos e desprazer em outros, sendo o que mais se relaciona com esse mecanismo na obra de 1919 a enumeração acerca dos campos conceituais que evocam a “infamiliaridade” no aparelho psíquico, demonstrando como aquilo que jaz originalmente no domínio prazeroso do “*heimlich*” torna-se “*unheimlich*” e desprazeroso a partir do recalçamento e regresso à consciência. Entretanto, mesmo com essa

primeira elucidação ainda se faz necessário localizar o “infamiliar” no âmbito da operação inconsciente que o origina, e para fazê-lo é importante também explicitar os conceitos de *afeto* e *representação*, relacionados mormente à atuação e expressão pulsional. O afeto, advindo do vocábulo “*affekt*”, “exprime qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer-se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2022, p. 9), o que, no contexto psicanalítico, é compreendido como um dos registros pulsionais, a carga ou a energia psíquica associada às pulsões e porquanto, também ao desejo, que é destinada a um determinado objeto. Já a representação, provinda do alemão “*Vorstellung*”, é o outro registro da expressão pulsional, tratando das unidades mentais inscritas no aparelho mnemônico a partir da vivência que o indivíduo possui de determinados objetos, indivíduos e conjunturas, fomentando a partir disso complexas cadeias associativas. Enquanto conceito, Freud diferencia as “*Vorstellungen*” em representações-da-coisa (“*Sachvorstellungen*”), representações que se organizam no inconsciente através de sua natureza imagética, estando associadas às sensações corporais, e as representações-da-palavra (“*Wortvorstellungen*”), correlacionadas à consciência e à pré-consciência e organizadas principalmente pela via acústica, dado que estão associadas à linguagem e são as únicas a poderem ser acessadas através do pensamento consciente (LAPLANCHE e PONTALIS, 2022). Quanto ao âmbito da teoria pulsional, as representações são investidas pelas pulsões através do processo de catexia e tornam-se expressões de sua existência psíquica.

Esses dois registros da expressão pulsional estão também relacionados à maneira como o inconsciente se organiza e se manifesta, tendo o afeto um importante papel no encadeamento entre representações e a forma como elas são ordenadas pelo aparelho psíquico. Destarte, uma vez que o indivíduo se sinta invadido por um afeto não vinculado à uma representação, forma-se aí o indicativo do recalçamento. A partir dessa explicação dos componentes da expressão pulsional, torna-se exequível estabelecer como o “infamiliar” advém da relação apresentada, posto que é por meio dos registros afetivos e representacionais que se é possível ter o entendimento das pulsões, que atuam enquanto força propulsora do comportamento humano. Partindo do que é dito por Freud no ensaio de 1919, compreende-se então que o “infamiliar” é o resultado de uma operação *bastante específica* de recalçamento na qual a representação psíquica, outrora vinculada a uma cadeia associativa que remete o indivíduo àquilo que ele reconhece e se sente confortável, é recalçada e regressa à consciência transfigurada no oposto do que ela primeiro representou para o aparelho psíquico, revelando, porém, a existência de correlações ocultas entre o familiar e o “infamiliar”.

Essas correlações entre o “*heimlich*” e o “*unheimlich*” das quais Freud diz que “o prefixo de negação ‘in-’ [*Un-*] (...) é a marca do recalçamento” (FREUD, 2019, p. 95) inferem que a representação da qual o “infamiliar” surge enquanto resultado já estava associada a uma cadeia de representações ditas como antagônicas previamente ao seu recalque, e que, quando regressa à consciência, ela não está transfigurada em seu antônimo, está desvelando uma relação entre significantes que já existia e que foi a causa do recalçamento em primeiro lugar, assim como também demonstra a definição dos dicionários alemães utilizados por Freud, que colocam o “*heimlich*” em uma intersecção com o “*unheimlich*” quanto às definições que ambos ostentam. Para tanto, é possível retomar também o ensaio “Sobre o Sentido Antitético das Palavras Primitivas” baseado no de mesmo título do filólogo comparatista Karl Abel (1884). Nesse domínio anexo à psicanálise, o psicanalista encontra a comprovação para a sua teoria dos sonhos acerca da inexistência da oposição ou da contradição no onirismo, utilizando-se do argumento de Karl Abel sobre a existência de palavras em determinadas línguas da Idade Antiga que podiam possuir tanto um significado quanto o seu antônimo, sendo, portanto, “nas ‘raízes antigas’ que se observa o surgimento do duplo sentido antitético” (FREUD, 2019, p. 134). Mesmo que os estudos do filólogo alemão tivessem causado desconfiança entre outros acadêmicos (IANNINI e TAVARES, 2019), a questão não se encontra esgotada e aquilo que é a pedra de toque do pensamento freudiano ainda persiste, de modo que sendo esses idiomas aqueles que conceberam o duplo sentido antitético ou não, ele está presente na linguagem e nas formações do inconsciente.

Também se pode atribuir esse âmbito à diferença de funcionamento do processo primário e secundário que caracterizam o sistema inconsciente e o sistema pré-consciente-consciente. Segundo Laplanche e Pontalis, no processo primário a energia psíquica “escoa-se livremente, passando sem barreiras de uma representação para outra segundo os mecanismos de deslocamento e de condensação” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2022, p. 371), enquanto no processo secundário jazem funções “classicamente descritas em psicologia como o pensamento da vigília, a atenção, o juízo, o raciocínio, a ação controlada” (Ibid., p. 372), ao que, frente às exposições realizadas por Sigmund Freud, também se pode adicionar a organização linguística através de relações de sinonímia e antonímia. Observa-se, a partir de então, que o “infamiliar” é o ponto de ruptura do processo secundário em relação ao processo primário, o dismantelamento de uma organização simbólica presente tanto nas formações linguísticas quanto na consciência e na pré-consciência que reconhecem os princípios da oposição e da contradição e os utilizam para organizar suas cadeias associativas de representantes, que, conquanto, não estão presentes na inconsciência, que se utiliza da condensação e do deslocamento em suas formações oníricas e substitutivas.

Nesse âmbito, também é preciso regressar ao conceito de afeto, representações-da-coisa e representações-da-palavra, explicitando o funcionamento do “infamiliar” em cada um desses registros para prosseguir com sua relação com a segunda dualidade pulsional. Tomando o “infamiliar” enquanto resultado do recalçamento de uma dada representação psíquica (FREUD, 2019, p. 97), é possível decompô-lo nos termos expostos acima; onde uma conjuntura capaz de suscitar “infamiliaridade” é traduzida pelos sistemas mnésicos como uma representação-da-coisa e vem a emergir à consciência enquanto representação-da-palavra, momento no qual acrescenta-lhe uma imagem verbal (LAPLANCHE e PONTALIS, 2022), que busca revestir a representação de relações de sinonímia, antonímia, oposição e contradição, características ao processo secundário. Uma vez que as conjunturas que evocam o “infamiliar” o fazem por sua capacidade de romper com a organização simbólica diante da inexistência inconsciente desses princípios de contrariedade, mesmo que ocasionem prazer, estão também fadadas a ocasionar desprazer em outras instâncias pulsionais e no próprio narcisismo do indivíduo, de modo que são recalçadas e regressam sob o espectro do “*unheimlich*”. Também é possível estabelecer que, por seu papel na organização das cadeias associativas de representações psíquicas, os afetos estão igualmente sob o julgo do processo secundário no sentido que uma vez vivenciados pelo indivíduo, podem ser organizados pelo pensamento racional através de relações antagônicas, embora elas não se sustentem diante da circuitaria pulsional, que pode reverter uma meta pulsional em seu oposto como “no caso único da transformação do amar em um odiar” (FREUD, 2013, p. 35). Os afetos, portanto, são um dos eixos para se compreender o “*unheimlich*”, posto que o seu aparecimento também descarrega afetos contraditórios ou angustiantes que, no sistema inconsciente, encontram-se associados.

Retomando a produção teórica freudiana, é possível observar a constituição de pares antagônicos que estruturam o aparelho psíquico e influenciam o comportamento, dos quais se pode citar as pulsões de vida e de morte, que, segundo ele, são o que “há de mais importante, bem como de mais obscuro na investigação psicológica” (FREUD, 2020, p. 125). Se, a partir disso, toma-se o “infamiliar” enquanto a ascensão de uma moção inconsciente que é recalçada por denotar a fragilidade das antíteses instituídas pela consciência, também é possível correlacioná-lo à própria dualidade pulsional, dado que ele também representaria a ambivalência pulsional estipulada por Freud em “As Pulsões e Seus Destinos”, o que está de acordo com a relação instituída entre o “infamiliar”, o animismo e a onipotência do pensamento, revelando em sua sublevação o resquício primevo de um funcionamento psíquico no qual é possível conjecturar que as pulsões fossem mais indistintas umas das outras. Essa perspectiva também pode ser argumentada através da origem das pulsões enquanto forças de caráter primitivo que, por assimilarem novas características com o

propósito de metabolizá-las para a repetição juntamente das antigas, passam “a impressão enganosa de forças que anseiam por mudança e progresso, enquanto (...) procuravam apenas alcançar uma antiga meta por caminhos antigos e novos” (FREUD, 2020, p. 135), demonstrando o entrelaçamento das expressões pulsionais de vida e de morte.

É possível que esse princípio possa se apresentar como uma das expressões exteriores da pulsão de morte, a pulsão de destruição, que necessitaria compartilhar de uma mesma meta ou objeto com a pulsão de vida com o propósito de garantir que o confronto com outrem garantiria o bem-estar do indivíduo, de forma que, assim como na primeira dualidade pulsional, as pulsões caracterizar-se-iam por “substituir vicariamente umas pelas outras e por poderem trocar facilmente seus objetos” (FREUD, 2013, p. 35). Nesse caso, o “infamiliar” se manifesta enquanto resultado de uma representação vinculada à pulsão de vida que, com o recalçamento, também vincular-se-ia à pulsão de morte ou vice-versa, ou manter-se-ia ainda vinculado a ambas desde o início, dada sua capacidade de demonstrar a rasgadura existente na ordem simbólica e na categorização dualística relacionada ao processo secundário da consciência. O “infamiliar”, portanto, também é a transgressão de um dos princípios organizatórios da realidade segundo sua estruturação pelo sistema pré-consciente-consciente, denotando aquilo que outrora fomos e que ainda somos, é o furo que obscurece e desmantela as certezas conscientes e o narcisismo individual, ou que, por fim, demonstra a existência de um mesmo campo semântico que agrega tudo aquilo que consideramos culturalmente como antíteses: o sagrado e o blasfemo, a civilização e a barbárie, a maternidade e a sexualidade, a vida e a morte, Eros e Tânatos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo desse artigo foi entrever a forma como o conceito de “*unheimlich*” se relaciona com a teoria da segunda dualidade pulsional. É possível observar, destarte, que ambos os ensaios advêm de um período de reconfiguração na obra freudiana, quando determinados conceitos são revistos à luz de novas experiências relacionadas com a Primeira Guerra Mundial, tendo-se como principal exemplo a mudança da primeira para a segunda dualidade pulsional. Isto posto, ainda que tenha sido publicado nesse período e que já se encontrasse presente orbitando o campo conceitual relacionado à “Totem e Tabu” (1913), o “infamiliar” permaneceu deslocado não apenas enquanto obra, mas também enquanto conceito, e ainda que tenha sido finalizado logo após a obra que oficializou a segunda dualidade pulsional, “Além do Princípio de Prazer”, Freud incute poucas relações entre esses campos e prefere utilizar de outros argumentos para localizar o “*unheimlich*” dentro do corpo teórico da psicanálise, distanciando-se da teoria pulsional e representacional, ainda que admita vínculos entre o “infamiliar” e a pulsão de morte. Portanto, é apenas a partir do recalçamento que se tornou possível encadear uma junção entre ambos os conceitos,

descrevendo-o segundo as noções de representação, afeto e ambivalência pulsional, que permaneciam ocultos nas entrelinhas do que Freud descreve no ensaio de 1919.

Esse caminho, além de colocar as experiências que despertam o “infamiliar” enquanto trajeto para se compreender a natureza pulsional através da perspectiva clínica, também revela a possibilidade de se analisar uma ruptura cultural e linguística que insiste em racionalizar a realidade através de encadeamentos de sinonímia e antonímia; relações que não correspondem à maneira como o inconsciente organiza esses mesmos eventos e que, uma vez que o indivíduo é confrontado por essa falha, vê-se diante de uma contingência que o faz duvidar das asserções que o norteiam enquanto ser racional. Entende-se, por fim, que o “infamiliar” está relacionado com outras temáticas tratadas também a respeito das pulsões, como o seu caráter ambivalente, antitético, e sua natureza enigmática que acomete o aparelho psíquico e o faz ficar desorientado diante daquilo que outrora foi tomado enquanto evidente ou antagônico e que agora se torna dúbio e responsável por angustiar o sujeito. O “*unheimlich*”, portanto, é o arauto das exigências pulsionais e das manifestações inconscientes, aquilo que obscurece realidade e fantasia, vida e morte, e que aponta para aquilo que, embora nos pertença, não queremos reconhecer em nós mesmos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S./FERENCZI S. Correspondance 1914/1919. Paris: Calmann-Lévy, 1996.

FREUD, S. A Repressão (1915). In: Freud, Sigmund. Freud (1914-1916) Obras Completas Volume 12: Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 61-73.

FREUD, S. Obras Incompletas de Sigmund Freud: Além do Princípio de Prazer. 1. ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2020. 506 p.

FREUD, S. Obras Incompletas de Sigmund Freud: As Pulsões e Seus Destinos. 1. ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2013. 162 p.

FREUD, S. Obras Incompletas de Sigmund Freud: O Infamiliar. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, 282 p.

FREUD, S. Sobre o Sentido Antitético das Palavras Primitivas. In: Freud, Sigmund. Obras Incompletas de Sigmund Freud: Neurose, Psicose, Perversão. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 59-70.

HOFFMANN, Ernest Theodor Amadeus Wilhelm. O Homem da Areia. In: Freud, Sigmund. Obras Incompletas de Sigmund Freud: O Infamiliar. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 221-264.

IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro. Freud e o Infamiliar. In: Freud, Sigmund. O Infamiliar. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 7-25.

JONES, Ernest. Vida e Obra de Sigmund Freud. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. 779 p.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. Vocabulário da Psicanálise. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022. 576 p.

Contatos:

henriquemfaga@gmail.com (*Autor*)

berenice.carpigiani@mackenzie.com (*Orientadora*)